

Jesus entre o Judaísmo e o Império. Um diagnóstico

João Lourenço*

Um dos grandes temas do debate cultural de hoje tem a ver com a questão do enquadramento de Jesus no contexto histórico do seu tempo. Superado o dualismo de meados do século passado, em que se contrapunha o 'Jesus da História' ao 'Cristo da Fé', estamos hoje perante uma nova formulação que se centra fundamentalmente na questão das 'afirmações de fé acerca de Jesus', procurando mostrar como estas não podem nem devem ser dissociadas do complexo mundo social, religioso e político do seu tempo. Este tema à volta da pessoa e do mundo de Jesus não se restringe à questão religiosa nem se confina ao diálogo entre as diferentes confissões cristãs. Pelo contrário, ele alarga-se a outros âmbitos da cultura e da reflexão histórica. Ultimamente, esta problemática foi reintroduzida, de novo, na 'ordem do dia' em virtude dos livros publicados pelo Papa Bento XVI sobre *Jesus de Nazaré*, que suscitaram um amplo debate, não só entre os estudiosos da cristologia mas também envolvendo notáveis conhecedores do judaísmo do tempo e das questões históricas e doutrinárias à volta das afirmações de fé das primeiras comunidades cristãs¹. O debate está já implícito na forma como o Papa intitulou a sua obra, definindo-o

* Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.

¹ Sobre esta questão ver o interessante artigo publicado na revista *Didaskalia* da Faculdade de Teologia por R. DEINES, "Can the 'Real' Jesus be Identified with the Historical Jesus? A Review of

como 'Jesus de Nazaré' e não optando por qualquer outra formulação que logo tivesse associada qualquer afirmação mais explícita de carácter doutrinal. Para deixar isso bem claro, o próprio Bento XVI, respondendo a uma questão que o jornalista Peter Seewald lhe fizera sobre a razão de ser desta obra, disse que este 'não é um livro do Magistério, um livro que não escrevi na plena autoridade de Romano Pontífice'². Desta forma, o Cardeal Ratzinger quis colocar o debate sobre esta questão de uma forma aberta, alargando o horizonte da reflexão e libertando-o de quaisquer peias que pudessem vir a ser invocadas como pretexto para restringir o espaço da reflexão que o tema impõe.

De facto, uma das grandes questões que ao longo dos séculos acompanham o debate acerca de Jesus passa exatamente pela sua contextualização no tempo e no espaço, situando o 'acontecimento' Jesus, face ao mundo judaico que o envolve e do qual dependem os parâmetros da sua doutrina e da sua missão. A par desta premissa fundamental, uma outra se vislumbra e que também não deve ser ignorada: a presença do poder romano na Palestina de então e a forma como essa presença o condiciona no contexto das expectativas que foi capaz de gerar à sua volta. Por isso, não é possível fazermos uma aproximação à pessoa e à mensagem de Jesus sem ter em conta esse enquadramento, já que muitos dos elementos que os Evangelhos nos facultam, como referenciais da sua vida, só podem ser compreendidos à luz desse duplo contexto. Importa, igualmente, ter presente que os Evangelhos, principal fonte de que dispomos para o conhecimento de Jesus, não são um livro de 'história', mas antes um testemunho acreditado e vivido acerca do Mestre, já com ecos daquilo que foram as primeiras experiências do ser e do agir cristãos.

Podemos sintetizar este debate acerca de Jesus, ao longo da História, em três grandes etapas. Uma, a que chamaríamos 'clássica', que decorre da hermenêutica do Novo Testamento, fundada nas grandes tradições messiânicas do Antigo Testamento e aprofundada e desenvolvida depois pelos Padres da Igreja, manteve até ao século XIX uma linha de continuidade que está bem presente na teologia católica; a partir dos finais do século XVIII, com a chamada exegese crítica ou de tendências racionalistas, mormente influenciada pela chamada 'Escola das Religiões', aceitando o legado da *Traditio* cristã e sem a questionar na sua essência, coloca o debate na questão do 'Jesus histórico', sem com isso se preocupar com o enquadramento histórico e social do tempo, mas apenas com a pessoa; já em pleno século XX, graças à obra de Bultmann, o centro da questão passou a ser já não apenas o legado da *Traditio* acerca de

the Pope's Challenge to Biblical Scholarship and the Various Reactions it Provoked", *Didaskalia* XXXIX (2009) 11-46.

² Cf. G. C. BOTTINI, "Figura e messaggio", *Antonianum* LXXXVI/2 (2011) 209-210.

Jesus, mas também as categorias em que esse legado foi formulado e transmitido, mormente a partir das suas formulações em conceitos da cultura grega. Por isso, era necessário proceder agora à 'desmitologização' desses conceitos para então se poder aceder ao verdadeiro Jesus e recolocá-lo, de novo, no mundo e no espaço que foi o seu e assim fazer uma aproximação à pessoa e à autêntica mensagem de Jesus.

A sensibilidade à questão histórica, tão presente e intensa no debate cultural dos últimos dois séculos, mormente a partir da descoberta dos grandes textos da história antiga, fez esquecer, no entanto, que o essencial do mundo de Jesus não eram as formulações conceptuais da cultura grega ou as leituras hermenêuticas levadas a cabo pelos Padres da Igreja, apesar de estas serem fundamentais. O essencial está sim no próprio mundo que o envolve, na cultura judaica do tempo, nos grupos e movimentos que davam corpo e prática à fé judaica da sua época e com a qual o próprio Jesus se confrontou também. Por isso, em meados do século XX surgiu um movimento de redescoberta do mundo judaico do tempo de Jesus e de reaproximação às questões que de novo se levantam na abordagem da pessoa e da mensagem que ele nos legou. Esta nova perspetiva, a chamada *Third Quest* ou 'Terceira Etapa', concentra os seus esforços, essencialmente, no aprofundamento do contexto de origem e no mundo envolvente de Jesus. Por exemplo, num Evangelho complexo como é o de S. João, onde não é possível aceder a respostas claras para muitas das interrogações que se foram formulando ao longo da história, os exegetas vão-se interrogando cada vez mais sobre o 'mundo' onde nasce este Evangelho, bem como sobre a identificação do seu autor. Foi particularmente graças à 'escola exegética americana', mais conhecida exatamente pelo nome de *Third Quest*, que o problema conheceu, nas últimas décadas, um notável desenvolvimento, na medida em que a procura de critérios de historicidade levou os exegetas a aprofundar e a estabelecer paralelismos com as fontes judaicas da época, tendo daí A. Culpepper lançado a hipótese de uma 'Escola Joanina' ou 'Comunidade Joanina' à semelhança das escolas da Antiguidade³ que constituíam uma importante realidade do mundo judaico de então. O próprio uso constante do nome de Jesus como 'Mestre', por exemplo em S. João (1,38-39; 3,2; 8,4; 11,28; 13,14; 20,16; e ainda 3,10, aplicado a Nicodemos), face aos outros Sinópticos⁴, mostra já que essa opção radica numa proximidade muito

³ A. CULPEPPER, *The Johannine School: An Evaluation of the Johannine School Hypothesis Based on an Investigation of the Nature of Ancient Schools*, Missoula, 1975; J. O. TUÑÍ VANCELLS, *Las comunidades joanicas. Particularidades y evolución de una tradición cristiana muy especial*, Paris, 1988.

⁴ O nome 'Jesus' é usado no Evangelho de S. João 237 vezes, enquanto em Mateus temos 150, em Marcos 81 e em Lucas 89.

maior com o mundo judaico envolvente, dando assim resposta à forma como os Judeus viviam e interpretavam a sua fé.

A primeira constatação que nos é permitido tirar, tomando como exemplo e ponto de partida o Evangelho de João, é que o contexto da comunidade é um fator decisivo para compreender a pessoa de Jesus. De facto, o 'habitat' da comunidade onde a mensagem encontrou a sua vivência e assumiu a sua expressão de fé não é apenas um fator importante para a compreensão dessa mensagem; antes disso, ele é-o já na aceitação do próprio personagem, ou seja, neste caso, do próprio Jesus⁵. A identidade de Jesus está ela mesma marcada pela identidade da comunidade e, por isso, o contexto judaico da época apresenta-se como algo determinante para a própria afirmação da fé da comunidade.

1. O Judaísmo pluralista do tempo de Jesus

Partindo da constatação que acabámos de referir, o conhecimento do Judaísmo do tempo de Jesus é um dos fatores mais determinantes para que possamos não só enquadrar a sua mensagem mas também aceder à compreensão da sua pessoa. Ora, o Judaísmo do período intertestamentário em que Jesus viveu apresentava como matriz cultural uma forte componente pluralista, formada por diversos grupos e movimentos, uns mais fiéis à ortodoxia judaica do que outros, embora todos preocupados com a mesma fidelidade a Deus e à Lei. A Lei, para além do Templo e do Culto, era a grande instituição que norteava toda a vida judaica, tanto individual como social, o que justifica sobremaneira a atenção que os Evangelhos lhe conferem e o cuidado de Jesus no tratamento e no relacionamento com as questões referentes à *Torah* (Lei). Na verdade, Jesus afirma-se judeu e é assim que a sua mensagem começou por ser aceite e acreditada. Um pregador galileu, com uma matriz tipicamente profética (Jo 7, 52) que se faz acompanhar de discípulos e seguidores (Lc 23,49) e se dirige a Jerusalém (Mt 21,11), a cidade dos profetas, mesmo daqueles que não são aceites como tais (Lc 13,34). As largas referências que o Novo Testamento nos oferece e que definem a sua identidade, todas elas têm a marca de um Judaísmo vivido e aceite como o grande paradigma da sua vida (Jo 4,22: 'a salvação vem dos judeus'). Assim se compreende que Mateus, no seu Evangelho, tenha dedicado alguns capítulos (5-7) ao ensino que Jesus faz aos seus discípulos, num processo de

⁵ JOSEP-ORIOL TUÑI – X. ALEGRE, *Escritos joaninos y Cartas católicas*, Verbo Divino, Navarra, 1995, 145s.

complementaridade mais do que contraposição entre a Lei judaica e a sua mensagem, fazendo com que estes assumam uma nova identidade na sua relação com Deus e na comunidade:

"Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição" (Mt 5,17);

"Ouvistes o que foi dito aos antigos... Eu, porém, digo-vos" (Mt 5,21-22).

As referências poderiam ser multiplicadas. Estamos, de facto, em presença de uma matriz que percorre os três Evangelhos Sinópticos e que, acima de tudo, nos ajuda a situar a própria pessoa de Jesus e a encontrar parâmetros referenciais para a sua compreensão. Há, por um lado, uma perspectiva de continuidade e complementaridade, e essa é notória e está bem vincada nas narrativas dos textos evangélicos. De facto, a questão judaica é imprescindível para situar Jesus e compreender a sua mensagem. O diálogo contemporâneo não pode ignorar essa componente, como, aliás, nunca ignorou, embora nem sempre tenha sido valorizado da mesma forma. A tensão entre o Cristianismo e o Judaísmo, que conheceu 'altos e baixos' ao longo da história, condicionou e sempre teve reflexos na forma como Jesus foi aceite e acreditado na própria Igreja cristã. Por outro lado, não é possível também ignorar a componente de rutura que o próprio Jesus levou a cabo em relação ao sistema judaico, particularmente em várias das duas dimensões. Eu destacaria pelo menos três desses pilares fundamentais: o absoluto da Lei, a exclusividade do Templo como espaço de procura e encontro de Deus, e a supremacia do Culto face à piedade individual e pessoal. Estas três dimensões parecem-me fundamentais quando queremos analisar a mensagem e, particularmente, a pessoa de Jesus.

Assim, impõe-se realizar uma espécie de 'regresso' às fontes judaicas e recolocar a questão de Jesus no quadro do seu tempo. Por isso, para além da relação com a Lei, facilmente se constata um procedimento idêntico no que diz respeito ao Culto e ao Templo. A forma como, aparentemente, Jesus relativiza nas páginas dos Evangelhos estas instituições comporta já em si a experiência vivida pela própria Comunidade cristã das origens, embora estejamos convictos de que a atitude de Jesus para com essas instituições já não constituía um absoluto, tal como elas eram tidas e assumidas pelo sistema judaico. A diferença entre o anúncio e as atitudes de Jesus para com estas instituições e a forma como a Comunidade cristã das origens se posicionou face a elas comportam em si, certamente, um percurso feito de tensões e de conflitos que tiveram a sua expressão máxima na crise que levou à destruição de Jerusalém por parte do Império, no ano 70 (d. C.). A relativização do culto como um fim em

si mesmo, à semelhança do que já sucedia com a teologia profética⁶, encontra nas próprias palavras de Jesus a suprema contestação, razão pela qual será acusado de atentar contra o 'lugar sagrado', de não respeitar o sábado e de se apresentar como sendo 'filho de Deus'. Estas três acusações não foram criadas nem instituídas pelas polémicas judeo-cristãs das décadas subsequentes à sua morte, nem motivadas certamente pelos comportamentos das primeiras comunidades cristãs, já que estas mantiveram até tarde, talvez até à década de 70, fortes vínculos de proximidade com o próprio espaço do Templo e de partilha com a comunidade judaica na oração. Assim se explica a questão da oração *Shemonê Etrê* (as *Dezoito Bênçãos*) através da qual os judeus pretendiam identificar os judeo-cristãos para os expulsar das sinagogas⁷. Esta rutura não parece ser possível se ela não tivesse como fundamento as próprias palavras e gestos de Jesus (Lc 4,15-16), continuados depois pela prática da própria Igreja nascente (Lc 4,28-29), mormente no início da sua atividade missionária (Act 13,14-15). Estamos ainda no período que antecede a destruição do Templo, o que pode indiciar que a rutura decorre, em boa parte, da reorganização do Judaísmo em Yabné, sob a tutela do movimento dos Fariseus da 'Escola de Hillel'.

Por tudo isto, não nos parece que a 'questão judaica' acerca de Jesus possa ser perspetivada, de forma correta e elucidativa, sem termos em conta a rutura que veio a acontecer no período que se seguiu à destruição do Templo e ao reposicionamento do Judaísmo que este acontecimento determinou. De facto, confrontado com o Império que acabava de destruir e esmagar a liberdade desejada, o Judaísmo sentiu a necessidade de se defender de um adversário interno, o cristianismo, que emergia de dentro, uma vez que em relação ao inimigo externo já nada havia a fazer. É assim que assistimos não apenas à reorganização do Judaísmo em torno da Lei, mas também à condenação de toda e qualquer alternativa que pudesse enfraquecer a identidade do movimento que tinha sobrevivido à tragédia de 70, ou seja, a corrente farisaica da 'Escola de Hillel'. Destruído o Templo e posto fim ao sistema cultural que o sustentava, o Judaísmo reforça agora o poder da Sinagoga que se torna o lugar por excelência

⁶ Para além de outros, temos um texto paradigmático desta 'suspeita' profética face ao Templo, enquanto um absoluto em si mesmo, em Jeremias 26. O sistema cultural é apresentado como o oposto à 'Palavra' (a *Dabar Yahwé*) que deve motivar os fiéis para a busca permanente da vontade de Deus.

⁷ Trata-se da oração que os judeus recitam na Sinagoga a seguir ao *Shema Israel* que, segundo o tratado *Berakot* 33a do Talmud de Babilónia, remontaria já ao tempo dos 'Homens da Grande Assembleia', ou seja, ao período a seguir ao Exílio. A esta oração, composta por 18 bênçãos, teria sido acrescentada uma 19.^a prece que visava identificar os *Minim*, ou seja, os judeo-cristãos que continuavam a frequentar a Sinagoga a fim de os identificar e expulsar da oração. Este gesto é entendido como um daqueles que vai marcar a rutura entre as duas comunidades.

da leitura da Escritura e pela qual passam as funções de a interpretar e de determinar a sua canonicidade. É também a partir da Sinagoga que uma parte significativa da literatura judaica extrabíblica se constituiu como corpo doutrinário e foi redigida. Bastaria, para tanto, lembrar os Targumim, os Midrashim, a Mishná, o Talmud e a influência que estes escritos tiveram na consolidação das tradições judaicas e na 'formatação' dos códigos doutrinários do Judaísmo.

É perante este contexto que decorre o grande confronto entre o Judaísmo e Jesus, ou seja, entre a Comunidade cristã, que dá continuidade e expressão vivencial à mensagem do Mestre, e a Sinagoga – expressão do Judaísmo saído do pós-Templo –, que visa neutralizar todas as formas de autonomia ou de representação que possam colocar em perigo a frágil identidade que tinha resistido à catástrofe.

Por isso, podemos facilmente perceber que o confronto entre o Judaísmo e Jesus não é apenas o resultado das propostas radicais que o 'Mestre galileu' apresenta, mas também a expressão de uma rutura progressiva que se vai acentuando entre o movimento que dá continuidade a essas propostas e o sistema judaico que cria à sua volta uma repulsa por tudo o que possa pôr em causa o absoluto da Lei, tal como ela era interpretada pelos Rabinos da época. Neste sentido, podemos verificar que a esta situação se aplica um dos princípios que a própria *Mishná* propõe como processo para a defesa e fortalecimento da centralidade da Lei:

«Moisés recebeu a Lei no monte Sinai e transmitiu-a a Josué... os profetas transmitiram-na aos Homens da Grande Assembleia. Estes costumavam dizer três coisas: sede prudentes no julgar, fazei muitos discípulos, levantai uma proteção em torno da Lei.»⁸

Este texto, para além de traduzir o grande empenho com que o Judaísmo vivia a sua *Torah*, mostra-nos também o dinamismo que colocava na defesa e preservação da sua integridade, criando à sua volta como que um muro que a protegesse de todo e qualquer contágio. Temos aqui uma bela expressão desse empenho cujas consequências vão ser sentidas pelos cristãos de origem judaica quando da afirmação da sua fé em Jesus. No confronto entre Jesus e o Judaísmo, a forma como a Lei foi reassumida pela ortodoxia judaica do pós-setenta e rejeitada pelo cristianismo nascente, como facilmente se constata na Carta aos Hebreus, oferece-nos um enquadramento muito adequado para a compreensão da pessoa de Jesus, à volta de quem se foram consolidando as novas confissões de fé comunitárias.

⁸ *Mishná, Tratado Aboth*, 1.

2. Jesus face ao domínio do Império

No que ao Império diz respeito, a relação entre Jesus e o poder romano está pouco vincada nos testemunhos do tempo, aparecendo quase sempre de forma indireta nos textos do Novo Testamento. Aliás, as alusões a contactos entre Jesus e a presença romana, salvaguardando o que aos relatos da Paixão diz respeito, parecem refletir mais aquilo que viria a ser a situação da comunidade cristã das origens do que a realidade vivida e confrontada pelo próprio. Há, todavia, um confronto que é facilmente constatável; não o sendo diretamente, é-o por interpostos executantes do poder romano, no caso concreto os Herodianos. De facto, o Império mostrou sempre uma grande incapacidade de lidar e saber gerir a 'questão judaica', pelo que, astutamente, soube utilizar agentes locais para tentar disfarçar e mediar essa dificuldade. É assim que Herodes entra em cena e acabará por prestar um notável serviço ao poder romano que foi aguentando essa situação até ao limite, quando destituiu Arquelão, no ano sexto da nossa era, e o fez substituir pelo poder militar que era exercido pelos Procuradores.

É assim que Jesus se vê confrontado, de forma indireta, pelos partidários de Herodes, que mais não eram do que os agentes do 'status quo' em termos políticos e sociais.

De ascendência idumeia⁹, Herodes fora educado em Roma e aí estabeleceu contacto com alguns daqueles que viriam a ser os chefes do império, acabando por ser proclamado 'rei dos judeus', vassalo e amigo, em 37 (até 4 a. C.)¹⁰, com a missão explícita de restabelecer a paz entre os judeus e pôr cobro às lutas internas entre os diversos grupos que continuavam em cena e que traziam a instabilidade ao império, enfraquecendo-o numa das suas fronteiras mais vulneráveis e que se encontrava sob forte pressão quer por parte do Partos quer devido à presença do império dos Nabateus.

Fiel a este compromisso e desejo de ganhar a benevolência dos seus protetores, Herodes desenvolve uma política assente em três pilares: procurar atrair a simpatia dos judeus através de um notável programa de grandes obras e construções, mormente no Templo, servindo-se dos recursos económicos da tribo dos Idumeis que eram ricos comerciantes; levar a cabo uma perseguição sangrenta e implacável contra todos os inimigos que não eram apenas os seus, mas também os que se opunham à ocupação romana; enfraquecer

⁹ A Idumeia era um dos 'distritos' que fazia parte da Província da Palestina e que corresponde ao território bíblico de Edom, situado a sul, na zona do Neguev e na parte do deserto arábico; foi mais tarde incorporado também no território dos Nabateus que por aí faziam circular as mercadorias da zona oriental até aos portos do Mediterrâneo, designadamente Gaza.

¹⁰ F. JOSEPHUS, *Antiquities of the Jews*, XIV,5, Kregel Publications, Michigan, 1983, 308-309.

e esvaziar de poderes as autoridades tradicionais da região, mormente religiosas e sacerdotais, recorrendo à criação de novas cidades e dotando-as de estatuto político próprio, com uma matriz cultural de tipo greco-romano¹¹.

É neste contexto que emergem os grandes movimentos e grupos de que era composta a sociedade judaica ao tempo de Jesus e que assumem importante papel nas narrativas dos Evangelhos. Para outros, aqueles que exercem uma maior influência na sociedade do tempo foram os Saduceus, Fariseus, Herodianos, Essênios e Zelotas¹². Como se pode constatar pelos ecos que encontramos nos textos dos Evangelhos e também por outros escritos das origens cristãs, não foram pacíficos os contactos entre estes grupos e o movimento de Jesus, embora ele mesmo estivesse aberto à adesão de membros de todos eles e encontremos referências elogiosas a alguns deles nas suas próprias palavras. Temos também a presença de ex-membros de outros grupos entre os seus, tal como é o caso de Simão, o zelota. Mas é sobretudo contra a ética farisaica e a forma como os saduceus se 'colavam' ao poder político dominante na Judeia que Jesus reage, procurando perspetivar a sua atitude numa verdadeira motivação que valorizasse os valores de Deus e não os interesses dos homens. Apesar de sabermos hoje todo o drama da sua vida e a forma como ele se desenrolou, a grande preocupação de Jesus face à política do Império e dos seus representantes foi sempre a de pautar o seu projeto de vida numa atitude de grande liberdade interior, procurando obedecer mais a Deus do que aos homens (Act 5,29). Isso mesmo se pode constatar pelo episódio do pagamento ou não do tributo a César (Mt 22,15-21).

Por outro lado, o espaço político da Palestina, mormente as chamadas cidades livres da Decápole, dotadas de uma estrutura política e social, com forte autonomia e onde reinava um clima cultural com forte influência hele-nista, permitiram que Jesus exercesse aí, de forma livre, o seu ministério, o que não sucederia na Judeia, onde existia um apertado controle por parte das autoridades religiosas do Judaísmo. De facto, Jesus encontra nesse espaço geográfico um campo propício para o anúncio da sua mensagem, uma vez

¹¹ Nasceram assim as ligas de Cidades Livres, de que conhecemos a 'Decápole' (Mt 4,25; Mc 5,20; 7,31), mas existiam outras na região da Pereia (Margem Oriental do território, além Jordão e Mar Morto).

¹² Flávio Josefo fala da existência e da importância destes grupos na sociedade do tempo, classificando-os como 'filosofias' ou 'seitas'. Cada um destes grupos tinha a sua forma específica de viver o Judaísmo, mormente naquilo que diz respeito à *Halakah*, aos procedimentos práticos acerca da Lei e da sua aplicação na vida quotidiana. Flávio Josefo menciona explicitamente três destes grupos, a saber: Saduceus, Fariseus e Essênios (cf. F. JOSEPHUS, *Bellum Judaicum*, II, 8,13-14), falando de um quarto grupo, o dos Zelotas, numa das suas obras mais notáveis (cf. *Antiquitates Judaicae*, XVIII, 1,3-6).

que aí não podia ser oficialmente acusado de estar a violar os preceitos do Judaísmo nem tinha de se submeter à legislação ocasional imposta pelo Sinédrio ou decretada pelos sumo-sacerdotes do tempo. Por isso, em diversas passagens, nos Evangelhos alude-se ao facto de ele se ter retirado para a Galileia, percorrendo o território da Decápole (Mt 4,25) ou mesmo refugiando-se em zonas onde não se fazia sentir, de forma tão premente, a autoridade religiosa de Jerusalém (Jo 11,54). Estes dados, a que nem sempre se presta a devida atenção, são importantes, não apenas para compreender os itinerários de Jesus, mas também para perceber o alcance da sua mensagem. Isto permite-nos perceber como o próprio Jesus tinha consciência de que a sua missão devia superar os confins do nacionalismo judaico e as tensões políticas impostas pelo Império e estabelecer uma nova relação entre os diversos povos que habitavam a Palestina. Neste contexto, podemos facilmente perceber como a compreensão da mensagem que é proposta por Jesus, bem como o seu próprio enquadramento no espaço e no tempo estão marcados não apenas por aquilo que são as suas atitudes e propostas, mas também pelos condicionalismos sociais, políticos, culturais e religiosos que demarcam o mundo de então. Ora, algumas destas circunstâncias vão igualmente condicionar a ação da Comunidade cristã das origens na sua forma de acreditar e de dar expressão formal à sua experiência de fé. Não sendo possível ignorar estas condicionantes, pensamos, todavia, que elas não constituem, de forma exclusiva, a total explicação acerca dos fundamentos e das formulações de fé da Comunidade. Tê-las presente é importante; saber que elas não explicam tudo é fundamental. O debate acerca de Jesus pressupõe exatamente este cenário e o conhecimento que dele decorre. Há, de facto, um espaço próprio, um âmbito específico onde se situa também este debate e sem o qual não é fácil compreender a identidade específica do 'credo cristão'.

3. Jesus na afirmação da sua autonomia

De acordo com as informações que nos são facultadas pelos historiadores da época, e também pelos ecos que encontramos nas fontes judaicas e mesmo nos escritos do NT, o ambiente social do tempo de Jesus está marcado por uma forte instabilidade que assenta em duas causas diretas: a situação de pobreza em que a maioria da população vive e a opressão constante a que a maioria do povo está submetida pelo ocupante, o império romano.

Deste cenário emerge naturalmente um forte sentimento de revolta que leva ao constante emergir de pretensos messias que se fazem acreditar através de falsas promessas, todas elas com uma forte componente bélica, visando

apenas aliviar as precárias condições em que o povo se encontra. Todavia, as inúmeras revoltas que se foram sucedendo apenas contribuíram para agravar ainda mais uma situação que de si já era tremendamente penosa.

Os textos da época falam-nos dessa resistência quase permanente à ocupação e das revoltas constantes que eram chefiadas por pretensos Messias que se faziam aclamar um pouco por toda a parte. Tais revoltas são o culminar de um longo processo que envolveu também a época de Jesus e que fez com que Ele tivesse sido visto ou aguardado como mais um do longo rol de pretensos Messias. Disso se faz eco o seu processo de condenação, e é este clima de resistência constante que nos ajuda a melhor compreender esse enquadramento e a forma hábil como o poder religioso, representado pelo Sinédrio e a classe sacerdotal, soube explorar em benefício próprio o clima de tensão existente para se libertar de alguém que lhe era incómodo. Facilmente nos apercebemos de que o processo, tal como ele nos é apresentado nos escritos do NT, é um logro em que o poder político se deixou envolver, sem daí tirar qualquer vantagem. A conjugação de interesses entre o poder político (Império) e o poder religioso (Judaísmo), sempre que isso era conveniente aos dois, parece ter sido também uma constante política por parte da potência ocupante que nunca olhou a meios para alcançar seus fins.

Nesse aspeto, creio que o império romano escreveu nesta parte do mundo uma das folhas mais negras da sua história, uma vez que, sem deixar obra de mérito, nem cultural nem social, aqui gastou inutilmente imensos dos seus recursos. Jesus terá contribuído, em boa parte, para começar a partir daí, pela sua mensagem e pelo espírito dos seus seguidores, a destruir o Império nas próprias bases em que ele assentava, apesar de isso ter sucedido apenas cerca de três séculos depois. No entanto, importa não esquecer que a semente foi lançada aí, vindo depois a germinar um pouco por toda a parte.